



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Comércio, 34, 3.º

Não se restituem os autografos

DIRECTORA: IRENE VIEIRA LISBOA

REDACTORA GERENTE: ALICE BARBOSA E OBRAS

Propriedade da Empreza da EDUCAÇÃO FEMININA

EDITORIA: ILDA MOREIRA

Composição e impressão na tipografia A NACIONAL
38, Rua da Conceição da Glória, 40 — Avenida — Lisboa

EXPEDIENTE

De porta em porta, a Educação Feminina vem com imensa delicadeza pedir aos seus assinantes retardados, a bondade de enviarem uma cartinha com a respectiva importância da assinatura para a sua Redacção.

E como o tempo das aulas já está a expirar, (só falta um mês...) rogavamos a todas as nossas colegas que desejassem continuar com a sua assinatura nas férias, o favor de nos pagarem antes destas começarem, afim de o jornal se poder publicar sem interrupção.

Confiada na boa-vontade de todas, a nossa Direcção agradece intimamente penhorada.

Ao correr da pênna...

Minha presada amiga.

Para não trair a minha conduta sempre leal e sincera, dir-lhe-ei que estou embaraçada com o tema desta carta... É verdade que existem muitas futilidades elegantes e muitas elegancias futeis, de que me poderia valer para a entreter uns poucos minutos, mas tenho pelo seu espirito tão subida consideração, que nunca ousaria dirigir-lhe essas ridiculas banalidades, que a sociedade cultiva e a minha inteligente amiga despreza.

Levanto de vez em quando o olhar deste papel tão branco como um pensamento esvaído e interrogo o céu acastelado de nuvens, como se de lá me pudesse vir a inspiração...

No entanto, se a minha Amiga me promete guardar absoluto sigilo do que lhe vou contar, vae por uns momentos deliciar-se com as revelações pitorescas, que me servirão finalmente de tema.

Imagine-se galgando esses longos kilometros que medeiame entre o seu paraíso ignorado e a bela capital deste paiz ridente! Chegou a Lisboa e eu tenho a suprema ventura de a estreitar nos meus braços; o ruido a que não está habituada atordoa a na primeira ocasião, mas depressa se afaz, e o seu olhar agudo, a sua atenção estudiosa e prespicaz páram, investigam e interrogam esta vida morna mas variada...

A certa altura tomámos um carro, que pára em Santo Amaro á porta da Escola Normal, para onde nos dirigimos.

A minha amiga que por ter uma alma simples e delicada distribuiu os efluvios dos seus

sorrisos sem distincção de classe nem idade, fica estarecida quando ouve um monossilabo cavernoso do porteiro... continuemos, é melhor voltarmos á esquerda, aqui ao fundo do primeiro claustro; sirvamo-nos da escada de serviço das alunas, para a minha amiga poder fazer um estudo consciencioso.

— Não se embarce. A escada é carunchosa, estreita e escura, é verdade, mas taleie as paredes, que não cae. O maior perigo que pode correr é ficar com as mãos cheias de tejas de aranha!

— Eis-nos chegadas ao primeiro pavimento, ao andar mór do palacio... Não se incomode se vir muita poeira por todos os cantos, arregaçando bem as saias e tendo cuidado com os alisares das portas, não ha de sair d'aqui com o fato muito enxovalhado.

As salas são feias e pouco cómodas, como vê, mas nós estamos tão habituadas que já as achamos encantadoras! Tenha cuidado a minha amiga ao pisar o pavimento desta que agora atravessamos, porque se está absolutamente vazia como vê, é por ter ameaçado ruir.

A luz não é unilateral esquerda em nenhuma, como a hygiene manda, mas isso explica-se: a nossa vista está tão educada e tem caminhado tanto alem do progresso, que já se dá perfeitamente com todas as distribuições de luz!

Se quer passeemos um bocadinho no terraço! Sempre é bom renovar o ar dos pulmões... todas estas casas conservam um ar de bafo que incomoda quem vem de fóra, e muito mais certamente a minha amiga, que na sua linda e remota aldeia tem o ar fino da montanha e a alegria franca da natureza!

— Ah! está admirando o espectáculo curioso do combate dos ratos, lá em baixo no minuscúlo jardim? — Nunca viu tantos ratos juntos, não é verdade? Isso é interessante! As alunas, por divertimento deitam-lhes bocados de pão e os ratos acorrem em massa; então é que é vêr lutas que nem os romanos gosaram!

Pode objectar-me a minha boa amiga que, tanto rato neste edificio pode ser um perigoso foco infeccioso, ao que lhe volto que muitos mais focos de infecção ainda existem, mas que a raça portugueza é tão forte que nenhuma destas mocidades jamais sofreu aqui a ofensa dum ataque de males epidémicos, apesar de todas ou quasi todas apresentarem esse ar abatido e limfatico de anémicas...

Noto que a minha amiga tem o rosto sombreado de melancolia e que se não sente á vontade; será melhor retirarmo-nos, não é verdade?

Para outra vez, verá o resto. O nosso laboratorio, a cêrca, etc...

Oh! a paz bucolica dos campos! A vida incomparável da natureza! — e o progresso, o progresso de Portugal! murmurará a minha amiga com um sorriso triste, ao findar esta elucidante leitura...

Escreva longas cartas, onde nitidamente se espelhem a sua inteligencia culta e a sua alma superiora, á sua fervorosa amiga e humilde admiradora

Irene Vieira Lisboa.

As mondadeiras

Por entre os trigos as mondadeiras

Enchem as varzeas de cantorias.

Herva daninha, que bem que cheiras!

Nasces e afrontas as sementeiras

E é só por isso que não te cria.

As mondadeiras andam nas mondas,

De régo em régo, sempre a cantar,

Troncos curvados, ancas redondas,

Braços roliços e o peito ás ondas

Que não se quebram como as do mar.

Nas terras baixas ou nas vertentes,

Alegres ranchos de raparigas,

— O' mocidade, tu nunca mentes! —

Como as cigarras andam contentes,

Mas trabalhando como formigas.

Ranchos alegres, mondando as cearas,

Que rico assunto para os pintores!

Lembram vistosos bandos de araras:

Saias roupinhas de chitas claras,

Chapéus redondos, lenços de côres.

Desde o sol fóra que andam n'aquela

Faina constante pelos trigas;

O' mondadeiras, tende cautela,

Que o parasita que se debêia,

Se escapa cruce cada vez mais!

E' necessario que o trigo venha

De palha grossa, de espiga cheia,

E quando caia na mó da azenha,

Não seja o caso que ás vezes tenha

Joio ou mistura de grãos de aveia.

Dias ridentes de primavera,

Fecundos dias para a lavoira!

A natureza se retempéra

Na farta seiva que as plantas gera,

No sol profuso que os campos doira.

Voam abelhas, picando os ares,

Em torno ao freixo que as inebria:

Nos tendões leves, rectangulares,

Nédios carneiros, aos centenares,

São desmedados pela tosquia.

E as mondadeiras, sempre mondando,

Porque o trabalho não as enerva,

Põem se a prumo de quando em quando,

Erguendo os braços e carregando

Sobre a cabeça molhadas de herva.

A tarde morre tranquilamente:

Na freguesia soam trindadés;

Penetra as coisas e invade a gente

Como uma henção de paz clemente,

Que vae caindo sobre as herdades.

E' já sol posto. Ao longe as nóras

Gémem na réga dos laranjaes.

O' agua clara, penso que choras

E te lamentas, horas e horas,

Porque altó sobes, e d'alto cáis!

E as mondadeiras voltam das mondas,
Sachola ao ombro, sempre a cantar;
Bustos erectos, ancas redondas,
Braços roliços e o peito ás ondas
Que não se quebram como as do mar!

Praticas e conferencias

A Camões se dedicou a interessante conferencia, que na integra vamos publicar.

Abstenho-me de elevar inos e cantos ao imortal épico, que, sem duvida, por débeis se extinguiriam na minha garganta e de que a pena reflexo mais palido ainda, daria; mas para nos associarmos ao regosijo geral, ao entusiasmo de todo o povo portuguez, transcreveremos as palavras da nossa destinta colega Lucinda Dias, onde vós, pelo seu delicado trabalho podereis vêr, caros leitores, o interesse e o amor que, tão bela causa a todos inspira. Não se dirá, igualmente, que a Escola Normal passou esta época da comemoração mais gloriosa, sem render publico preito á figura mais gigantesca das nossas letras patrias.

Camões e a sua obra

Se a eleição das minhas colegas decidiu que a minha humilde voz se associasse ás numerosas manifestações que de todos os lados brotam sublimando um nome, eu proclarei nesta minha ligeira palestra, prestar em nome da Escola Normal uma singela homenagem á memoria desse grande génio que foi Luis de Camões.

Ha decerto no coração de todos vós uma scentelha desse grandioso culto, e não admira que assim seja; ele está gravado na alma de todos os portuguezes com um só nome: «Patria», e a patria é ele na sua mais sublime concepção.

Quando o esplendor duma época se ia sumindo num quebrantado desalento, quando toda a sua vasta grandeza caíra inerte e fatigada pelos desmandos governamentais, Camões aparece em Portugal para que á beira do abismo para onde tinha sido impelida a sua patria, ele desferisse a elegia duma nação decadente e morta, como outr'ora o fizera Anathot sobre as ruínas de Jerusalem.

E que ruínas eram essas dignas do canto dum poeta?

Era o desmoronar da nossa grandeza no Oriente, era o sossobrar da tradição dum povo aventureiro que, sob as velas duma rissonha esperança, se expunha temerario aos furioses do oceano, — era enfim a queda inevitavel!

E que poeta seria capaz de semelhante época?

E que ditosa terra seria mãe dum tal filho? Não importa sabê-lo.

«Os grandes de inteligencia, como diz Luciano Coelho não carecem de tronco e dinastia.

«Não teem pelo espirito nem antecessores nem descendentes.

«Nascem da humanidade e vão para a Glória.

«Nascem do pó terreno e mundanal e caminham luminosos para a eternidade!»

Mas nós sabemos quem ele foi.

Sabemos que viveu num seculo de grandes energias, que foi soldado destemido quando oferecia o peito ao embate furiosa das lanças, que passara por toda a escala de alegrias e sofrera o amargor de todas as miserias humanas.

E por isso quem melhor do que ele poderia sintetisar a alma dum povo que, igualmente se sentira arrebatado ás culminancias da gloria, e que cairá exanime no lodçal da vil e abjecta Inquisição?

Ninguém só ele, o illustre descendente dum fidalgo trovador; só ele, que reunia na antiga unidade étnica e territorial da Lusitania o sangue de seus avós.

Nascido em Lisboa, Santarem ou talvez Coimbra, segundo a opinião dos diversos escritores, foram contudo ás saudosas margens do Mondego que lhe embalfaram os primeiros devaneios da inspiração.

Vindo para Lisboa apenas com desenove anos de idade e admitido numa corte onde a fania da sua intelectualidade já tinha chegado, o seu espirito devia necessariamente ressentir-se n'esse meio fanático e pervertido e onde a mascara festiva dos ruidosos serões, visava apenas encobrir os vermes duma latente podridão moral.

E como diz a illustre escritora D. Carolina Michaëlis: «a quem objectar que a corte de D. João III e D. Catarina, introdutores fanaticos da Inquisição e da Companhia de Jesus — era antes que tudo escola de santa doutrina — respondo, que nem por isso deixou de ser o que foi nos seculos anteriores: escola de fina galanteria de onde saíam mestres e modelos na arte de amar; e selva de aventuras romanticas onde se desenrolaram inumeros dramas de amor.»

E aqui começaram os seus desgostos.

O seu espirito despreocupado de interesses, o seu caracter ativo e generoso, a distincção do seu porte e o seu talento poético, bastou, para que no circuito das suas relações palacianas se desenvolvesse uma corrente de simpatia e bom acolhimento, ao passo que nas trevas os seus inimigos afixavam as armas com que mais certeira mente o haviam de ferir.

A paixão por uma dama da corte, D. Catarina de Ataíde que o poeta immortalizou sob o anagrama de Natércia, foi o pretexto de que se aproveitaram os despeitados inimigos para quanto antes o afastarem desse fóco de luz, que para ele brilhara sorridente e promettedor.

Não esperou mais; o seu genio ativo não lhe consentia delongas e acalentando já talvez um sonho grandioso, parte para Ceuta no ano de 1547 onde combateu valorosamente contra os arabes.

Voltando a Portugal, foi preso por um grave delicto, e é no Tronco da cidade que ele engasta a primeira pérola dos Lusíadas.

Indultado sob condição de passar á India alistou-se no exercito, militando em Ormuz, Mar Roxo e Malabar.

Passando depois a Goa, encontra como governador um tal Francisco Barreto que escandalosamente deslustrava o nome português, ele então dirige-lhe numa sátira violenta as exprobações que tais actos lhe sugerem, valendo-lhe o ser desterrado para as Molucas durante três anos.

Ao voltar do exilio encontrou no vice-rei D. Constantino de Bragança carinhosa proteção, oferecendo-lhe este, o logar de provedor-mór dos defuntos e ausentes, cargo que pouco depois passou a desempenhar em Macau.

E foi lá, na célebre gruta que ainda hoje conserva o seu nome, naquele logar de melancólica solidão, que ele edificou grande parte da sua monumental épopea.

Em 1561 voltou a Goa, e aqui mais uma vez o destino o persegue, naufragando na costa de Cambodja e salvando a custo a vida e o seu precioso monumento.

E depois de varios outros dissabores passou a Moçambique onde teve conhecimento da morte da sua Natércia, e então, num grito dalma amargurado dirige á sua memoria esta ferverosa prece:

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no ceu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Etereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,

Não te esqueças daquele amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pôde merecer-te
Alguma cousa a dôr que me ficou
Da magua sem remedio de perder-te,

Roga a Deus que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr te
Quão cedo de meus olhos te levou.

E depois de tantos outros sofrimentos, parte desalentado para Lisboa, que encontra assolada pela peste.

Mas uma esperança o alentava ainda.

Era a dá publicação dos Lusíadas.

— E Camões e Lusíadas completam a nacionalidade portuguesa!

Eles são a cristalização dos sentimentos nobres dum povo, são as suas alegrias, as suas glorias, as suas tristezas e amarguras.

Nos Lusíadas não fala um poeta, é a voz de uma geração de seculos transmitindo-se á posteridade, é a unica reliquia salva desse pélagio medonho para onde rolou o nosso passado glorioso.

E Camões, o inimitavel trovador dos feitos lusitanos é ao mesmo tempo o pintor fiel e delicado das maravilhas da natureza.

As suas narrativas sempre repassadas de sentimento, o amargor da existencia a transparecer numa simples frase, e o mar, ora suspirando meigamente, ora dobrando-se arquejante no fragor da tempestade encontrou nele um admiravel tradutor; — talvez que o triste visse naquele marulho revoltado das aguas, a imagem da sua vida de angustias e desespero.

De todo o seu poema se evolva o ardôr de entusiasmo, as scentelhas desse fogo que impelia os portugueses através do oceano encapelado, e os alentava ainda na febre dos combates, por entre o sibilar das setas e do tinnir das espadas!

Ha nele com efeito episodios magistraes.

A morte da lida Inez, descreve-a ele com todo o ardor da sua alma apaixonada; o gigante Adamastor levantando-se irado quando as velas portuguesas se aproximam do cabo Tormentoso; a Venus protetora dos temerarios argonautas, acalmando sorridente as vagas aliterosas, são outras tantas creações onde o genio do artista se revela incomparavel.

E, quando a desmedida ambição d'um principe arrasta ao solo africano o melhor da alma portuguesa, quando dessa mole humana nada mais existia do que o gémur surdo dos que agonisavam saudosos da patria que viam submergir consigo na horrorosa catastrophe, Camões despede do limiar da eternidade o seu derradeiro adeus.

Morrêra, e com ele a patria decadente.

Glorifiquemos pois o saudoso cantor dos Lusíadas, e sobre a sua grandiosa épopea chorêmos o nosso glorioso passado!

Lucinda Dias.

O teu amor era falso,
teve pouca duração,
mas deixou maguas eternas
no meu pobre coração!

A Escola

III

O Educando; o seu presente e o seu futuro

Propuz me no ultimo artigo, tratar hoje da orientação da Escola; pedagogia teorica e sua applicação pratica. Mas é primeiro necessario lançar uma vista de olhos pela materia prima que nela se ha de trabalhar: o Educando.

Os erros maiores ou menores que se cometem em educação tem como causa primaria o desconhecimento do que seja o educando. Esboça se hoje uma tendencia para o estudar, mas, para isso, socorremo nos de uma ciencia que, por nova, ainda não chegou ao seu grau positivo: a psicologia. Na psicologia buscam os professores bem intencionados e os que, em geral, se interessam pela educação dos povos, a maneira mais facil de conhecer o educando. Mas a psicologia não lhes dá bases concretas, porque ela propria assenta em hipoteses ainda mal definidas. A psicologia, como ciencia incipiente, limita-se a registrar em formulas, por

assim dizer *catedraticas*, as mil e uma *nuanças* de caracter que já de ha muito eram conhecidas. Como ciencia, não póle — nem deve — estacionar e, nela, as duvidas de ontem são verdades de hoje e mentiras de amanhã. Todavia, os caracteres dos individuos são o que ha de mais concreto e real. Por isso, uma ciencia vacillante que, por enquanto, só se entrega á investigação, não é, na verdade, a mais propria para delinear, com acerto, o modo de ser do educando.

Mas nós temos a *mania* de pôr de lado a nossa acuidade de observação, entregando isso aos mestres que nos preparam a *papinha*. Mas estes tem, por seu lado, a *mania* de generalisar tudo, concebendo formulas estreitas e rígidas, donde se não póde sair, sem lhes desobedecer.

A generalidade, por si só, já é uma abstracção dos sentidos que, por abstracção, corresponde poucas vezes á realidade das coisas. E, se ha coisas improprias de generalisar, são os multiplos caracteres humanos.

E' evidente que o estudarmos as coisas mais positivas e que, claramente, se manifestam pelas formas mais diversas, por meio de generalidades scientificas, nos conduz, na maioria dos casos, ao erro de *tomarmos a nuvem por Juno* e estarmos caminhando no sentido inverso do que queríamos.

Mas porque — deixando as formulas matematicas e austeras da ciencia oficial — não fazemos nós incidir sobre o educando a nossa ciencia particular, a observação, auxiliada pela intelligencia e boa vontade de acertar?

Para esse simples estudo — nós fazemos estudos mais complicados, sem nos admirarmos — basta saber duas coisas: o *meio especial* em que vive o educando e *aquilo que ele deve ser de futuro*. Pouca coisa, na verdade!

Não nos regosijemos de antemão! Essa *pouca coisa* resume todo o estado social de hoje e engloba toda a acção do educador sobre o modo de ser das sociedades de amanhã!

Obtemperar meão que eu desprezo, como inutil, o modo de ser especial, de cada educando, mas eu respondo como *determinista ferrenho*, que isso é produto do *meio determinante*, e que, conhecendo o meio, conheço o individuo; as diferentes modalidades com que se apresenta são simples variações cujo estudo não constitue a maior dificuldade a vencer.

A maior dificuldade está em saber o *que o individuo ha de vir a ser*, porque, para isso, temos que nos colocar no *seu logar* e não no *nosso*.

Temos que nos neutralisar, por completo; e não é tarefa facil para o espirito humano cuja qualidade mais característica é — a *parcialidade*. Sairmos de nós proprios, sairmos da nossa esfera social, architectarmos, com rectidão e claresa, uma vida futura que não havemos de gosar, mas sem nos entregarmos aos vãos da nossa imaginação calida: eis os trabalhos de Hercules!

Que queremos fazer do Educando? Um homem para a sociedade de hoje? Nesse caso, procedamos para com ele da forma porque procederam para conosco. Apaguemos o seu «eu», abafemos a sua vontade, adaptemo lo ás convenções sociais e recomendemos-lhe *que não recalitre*. Está feito o homem!

Mas nós sofremos essa educação e recalitramos. Logo, é que ha qualquer coisa, dentro de nós, que se não sente satisfeita: é a nossa parte *natural*! E apresenta-se outro caminho a seguir: eduquemos o homem para a *Natureza*! Tornemo lo independente, façamos que ignore o artificial que o cerca, desenvolvamos-lhe as aptidões, os instintos: a *animalidade*!

Lancemo lo, depois, de chofre no meio social! Ah! mas aí, apresso, estrangulado, sofreria horrivelmente, num sofrimento que o levaria á revolta constante, na insatisfação dos seus sentidos, agudos e exigentes de mais para a acanhada vida que levasse!

Seria este, talvez, o melhor meio, porque as gerações assim educadas, quando tivessem a força que dá o numero, mudariam, a seu modo, a *face da terra*!

Mas este caminho é impraticavel, não só porque a natureza não dá saltos, mas também porque se não póde furtar, inteiramente, a criança á influencia do meio social.

Em tudo ha um termo médio, e é esse o que o educador tem de tomar: preparar o educando, simultaneamente, para a *natureza* e para a *sociedade*; mostrar sem *partipris* e num grau mais adeantado da educação, as vantagens e defeitos dessa sociedade; mostrar *que nada ha de fixo no universo*, que a vida social é filha do homem e que ele póde, por isso, — e como sempre tem feito — muda-la na quilo que lhe for prejudicial.

O homem assim educado não será o *Prometeu* que rouba o fogo dos ceus, mas também não será o inconsciente que se deixa levar pelo que está feito e que julga intangivel.

A conflagração entre este homem e a sociedade ha de dar se, mas será mais proficua e harmonica, ainda que lenta, por ser filha do raciocinio puro e não do despeito dos sentidos insatisfeitos.

Prosequirei, ainda, no exame do educando, vasto e fecundo campo de estudo; tratarei da sua situação e desenvolvimento nas diversas camadas sociais.

Antonio Luis Filipe
(Da Escola Normal de Lisboa)

O' sequioso de ideal, tu expulsas as nuvens,
mas as nuvens voltam!

EM FÓCO

Ontem piquei-me... lamentava-se D. Fagundes á companheira, que permanecia indiferente e alheada.

— Sabes? ontem piquei-me!

Por resposta o mesmo silencio. — Recrudescia o desespero d'aquella pobre alma aflita e por ultimo remedio D. Fagundes passou a relatar o acontecimento:

— la fazer a *toilette* do jantar, e ao pregar um laço de veludo, *destes da moda*, na blusa de seda côr de rosa, picou se, a pobre creança! a adoravel inocente!

E aquele monstro sem coração que estava a seu lado e se dizia mulher, não vertia lagrimas de sangue, nem rasgava o peito de aflita!

* Está planeada e decidida uma excursão do 1.º e 2.º anos desta Escola á Serra da Arribida. Apesar de pitoresco e atractivo o sitio escolhido, ha grandes desalentos e muitas recusas: — D. Brites não vae por que não tem vestido de alpaca, e não quer violar uma praxe concebida por cultos espiritos...

A D. Fagundes coitada, essa ainda luta com peores dificuldades! Imaginem que todos os vestidos que possui são maravilhosos, e ela, por dó, não os quer meter áquella poeira!

E' deveras comovente ouvi-la citar, com a respectiva descrição, um por um os precisos monumentos do seu guarda vestidos...

— D. Fagundes, não falte á excursão, porque não haverá sol que ilumine a sombra alçada da sua ausencia!

E, quanto ao fato, já nossa mãe Eva para não estragar os vestidos, prescindia deles!

* Os relógios da Escola Normal pararam de cançados, é pena que as más linguas não sigam tão bons exemplos!

* Houve uma aluna, uma pobre bipede cá da Escola, que depois de estudar com muita atenção a sua liçãozinha de historia, foi chamada e fez um fiasco tremendo... gaguejou tanto, tanto, que a professora por dó, declarou-se satisfeita e mandou a sentar.

Mas a outra, a luz! o genio! o talento que ofusca, estonteia e deslumbra, não abriu o livro, foi chamada e deu uma lição inaudita... e digo inaudita porque, por mais que se apurasse o ouvido ninguem pode distinguir um som unico! Ela estava latente, lá isso é verdade, mas a força do genio fê-la retêr!

* E' com pena que registamos que D. Vertical perdeu a linha...

— D. Vertical deixe-se de *enfeites*, e volte a ser o fio de prumo destes alicerces carcomidos!

* O *aborto-filosofo* estarreceu e anda como uma alma penada, porque já devorou a leitura de todos os cartapácios do mundo...

* Quem quiser passear d'automovel basta entrar no orfeon académico e fazer valer as suas graças conquistadoras...

* O' maravilhosa convulsão terrestre!

N'um rapido momento, os mares vagueiam pelo espaço, o denso arvoredado submerge-se nas entranhas da terra!

Que fantasia! que sonho!

* D'uma tragedia *shakespereana*. — Um buraco negro como a noite do abismo, ameaça sepultar nas suas trevas as cinquenta e oito almas d'uma futura geração...

Que trágico!

Coimbra, ainda motivo de jubilo

No dia 31 de maio, como se fosse uma alegre despedida ao mês das flores, houve nesta Escola uma pequena festa, que se chamou pública mas que teve um carácter puramente íntimo e extremamente simpático.

Na melhor sala da Escola, que mesmo assim deixa muito a desejar, reuniu-se o corpo docente e a multidão ruidosa das nossas juvenis colegas, além de poucas mais pessoas extranhas, afim de ouvirem a leitura de alguns relatórios escolhidos, da excursão das terceiranistas a Coimbra.

Presidiu a esta interessante sessão o sr. Ladislau Piçarra, cujo esforço e amor pelo levantamento da instrução, o tornam uma das figuras mais importantes, neste meio inerte e indiferente que é a nossa sociedade.

Feita pelo director da Escola a apresentação de estilo, do tema que os ouvintes iam ver exposto, e após umas breves considerações sobre a benéfica influencia e capital importancia das excursões na pedagogia pratica como factor físico, moral e intelectual, subiu ao estrado a nossa distinta colega Joana Condesso que fez a leitura do seu relatório.

Foi um bocadinho extenso para ser ouvido... ler, mas quando ao seu valor literario, é indiscutível que sobressaiu sem favor entre todos, — com verdadeiro relevo até!

A exposição cuidada e o estudo interessante que a nossa colega com o maximo disvelo e paciencia fez da invicta cidade nas suas origens remotas e no seu progresso pelos séculos adiante, encantaram quem verdadeiramente seguiu com interesse a sua leitura.

Cheia de mimo foi igualmente toda a discrição dos poéticos logares que tiveram a dita de visitar; emfim, se algum senão se pode notar é o ter sido muito extenso para ouvir... ler.

Seguiram na no uso da palavra as nossas colegas Berta Fróes d'Almeida e Berta d'Ávila, que por seu turno procederam à leitura dos seus relatórios, dos quaes só se alongaram nos pontos mais interessantes e menos conhecidos da assistencia.

Foram igualmente ouvidas com muito gosto e interesse, tendo sido as três alvos de calorosos aplausos.

Finalmente subiu ao estrado a nossa colega Mercêdes Delgado que falou largamente sobre o mesmo tema das leituras. Cometeria uma indisculpavel injustiça se eguiasse na mesma apreciação a conferencia e os relatórios, sobretudo o primeiro. No entanto, visto a conferente ter recebido um trovão de aplausos, quando terminou de falar, direi que agradei a sua conferencia e por aqui me fico.

Em seguida levantou-se o sr. Ladislau Piçarra, que fel citou calorosamente as nossas colegas cujas palavras se tinham feito ouvir, continuando em considerações, que tanto tinham de interessantes e oportunas, como de simpáticas e afaveis.

Pela vez primeira ouvi falar aquele senhor,

ficando com a impressão mais grata e mais consoladora que se pode imaginar!

Foi singelo e natural o seu discurso, e tanta verdade, tanto entusiasmo havia nas suas palavras, que não havia um olhar que se desviasse da sua figura, uma atença que se perdesse.

Findas as suas delicadas saudações a todo o curso em geral, após ter dissertado perfeita e logicamente sobre o professorado e o ensino, as normalistas reuniram-se em torno do piano, cantando se alguns numeros do orfeão extinto.

Dançou-se depois com animação, acabando, como vedes, numa festa completa.

Uma pagina de Chateaubriant:

Num album

A Gloria, o Amor e a Amizade, desceram um dia do Olimpo para visitar os povos da terra, dando se tambem escrever a historia da sua viagem e a conservar o nome dos homens que lhes dessem hospitalidade.

Para isso lançou mão a Gloria dum pedaço de marmore, o Amor escolheu umas taboinhas enceradas, e a Amizade um livro em branco.

Os três viajantes percorreram o mundo e apresentaram-se uma tarde á minha porta; apressei-me a recebê-los com o respeito que se deve aos deuses.

No dia seguinte, de manhã, á sua partida, a Gloria não chegou a gravar o meu nome no seu marmore; o Amor, depois de o haver escrito nas taboinhas, depressa o apagou rindo-se; só a Amizade, só ella me prometeu conserva-lo no seu livro.

O' noitadas de Coimbra!
O' palidas madrugadas!
No meu peito ainda timbra
O som das guitarradas!

De Eugenio de Castro

OS PIRILAMPOS

Na vespera do noivado, os dois noivos foram sentar-se num banco d'azulejos, ao fundo do jardim, sob o docei branco duma amendoeira em flor. As mãos unidas, a cabecita dela descabida no hombro dele, os dois conversavam baixinho, muito baixinho, as bocas quasi juntas. — Que linda noite, murmurou Beatriz, abrindo os seus grandes olhos verdes.

Lourenço, o noivo, levantou a cabeça e pôs-se a olhar para o ceu picado de estrelas. De repente, o seu olhar turvou-se, melancolicamente, e uma lagrima resvalou-lhe pela cara.

as arvores tinham reflexos de ouro nos troncos meio nus—era um consolo ouvi-lo disre-tear sobre a beleza da vida, a alegria de viver. Num velho, isto era extraordinario, e pensavamos: 'E' o jardim que faz o velho belo, ou o velho que torna o jardim encantador?

As crianças, então, que revolteavam pelo jardim á compita com os pardais, louquinhas como eles, disputavam entre si a companhia do velho, dispo quem disputa a posse de um brinquedo.

Que enlevo ve-lo entre os canteiros floridos, á sombra de um salgueiro esbranquiçado e choroso, rodeado pelas crinçinhas, a cantar-lhes historias, simples como ele, que as atraíam, as encantavam!

Entre as pequeninas havia uma, de oito anos, com quem o velho particularmente sim patisava; procurava correr com ela pelas aleas areadas do jardim; conservava a junto de si com um carinho extremo, revia-se nela, enlevado, quando, com risadas sonoras, ella traquinava alegremente. Era a Luizinha...

A Luizinha não faltava um unico dia, e, quando as companheiras se iam embora, ella ficava ainda ao pé do velho e ele, então, contava-lhe, numa delicia, a historia mais delicada que architectara na vespera, de proposito para ella...

E—se era na primavera—parecia que o ambiente respirava mais doçura e alegria, que a brisa era mais ligeira, o perfume das flores mais intenso, á sombra das arvores, que o sol a pôr-se, projectava no chão, mais alongada e deliciosa.

Que tens tu, meu amor? perguntou Beatriz assustada. E elle explicou:—ao ver as estrelas, lembrara-se do belo efeito que fariam dois diamantes, nos cabelos loiros da sua noiva, mas — pobre dele! — era tão pobre...

Calou-se, cheio de magua.

Dois pirilampos apareceram então, muito luminosos. E avoejando num zig-zag de luz, os pequeninos insectos foram-se aproximando dos dois noivos e poisaram por fim nos cabelos de Beatriz...

Nas cinzas de uma correspondencia destruida ha sempre algumas particulas de duas almas.

Teofilo Gautier

Cantinas escolares

Nota-se actualmente no nosso pais um movimento consolador em favor da instrução. E' que, nalguns espiritos avançados, arreigou-se a idéa de que o resurgimento da sociedade portugueza, só poderá operar-se espalhando pelas camadas populares a luz vivificante da instrução.

O problema é altamente complexo, mas sem duvida por este caminho a solução attingir-se-ha.

O atraso das camadas sociais, originado pela vergonhosa percentagem de analfabetos, coloca nos no numero dos povos menos cultos, e, por conseguinte mais atrasados da Europa. Para que possamos conquistar um logar condigno no conceito mundial, é absolutamente indispensavel que todos aqueles que estão encarregados da missão nobilissima de educadores da infancia,—ou que a isso se propõem—façam dessa missão um sacerdocio.

E' de nós, educadores, que depende fazer desses pequeninos seres, que amanhã a sociedade confiara ao nosso criterio, homens fisica, moral e intellectualmente robustos, capazes de desempenhar proficientemente qualquer logar na sociedade:—homens que pela energia de vontade e pela rectidão de caracter, se tornem pelo esforço e pelo trabalho uteis á sociedade; mulheres que, devidamente orientadas, saibam reagir, contra enraizados preconceitos,—preconceitos que as reteem num atraso desolador e que sistematicamente lhes proporcionam uma situação humilhante, diprimente e ridicula —mulheres emfim, que compreendam e se integrem na sua verdadeira missão social.

Mas para a Escola attingir o fim visado, é preciso em primeiro logar combater o definhamento fisico da raça, de que o definhamento moral é uma natural consequencia.

O povo definha assustadoramente, porque uma grande parte se vê a braços com a mais negra miseria.

A situação economica, agrava-se dia a dia: o trabalho escasseia, o minguado sa-

lario reduz-se ainda mais, e, só a carestia da vida aumenta sempre, em desproporção espantosa!

Ha trabalhadores rurais, operarios e até pequenos funcionarios, que tendo uma prole numerosa, não ganham o suficiente para dar aos filhos o pão necessario. Os seus minusculos salarios, não lhe permitem sequer, dar ás innocentes crianças uma alimentação frugal.

As crianças que frequentam as nossas escolas, carecem de que a par da instrução, estas, lhes forneçam tambem o conforto e a alimentação, que nos seus lares pobrissimos não encontram.

Ha nos seus pequeninos estomagos tanta fome de pão, como nos seus espiritos de luz!

Para minorar esta affitiva situação, para arrancar milhares e milhares de crianças á tuberculose, é urgentissimo que junto de cada escola exista a cantina respectiva, que lhes forneça quotidianamente uma ou duas refeições. De contrario, podem á vontade espalhar a instrução, podem exaltar os efeitos maravilhosos da educação fisica, em que alguns pedagogos veem o unico meio de regeneração (mas que para o nosso caso não é exclusivo) que o problema ficará insolvel; a maioria das nossas crianças, não frequentará a escola, como antes.

Se pretendemos pois, melhorar a situação da sociedade, entreguemo nos de alma e coração á tarefa espinhosa, mas altamente simpatica a que nos propomos, e coloquemos a causa da criação duma cantina junto de cada escola, como um dever, a que nem a consciencia, nem a honra, nos permitam faltar.

Joana Condesso

Que preço deverá ter uma flôr
Que, sendo muda nos segreda amor?...

O professor

Feliz do que o sabe ser, porque como devemos saber, o professor não se faz. Nasce se professor como se nasce poeta, visto ser mister a vocação.

A escola! O que é a escola sem o professor devidamente abilitado, sem o espirito pedagogico natural e os primores da educação?

Será um corpo sem alma sujeito ás leis da putrefacção.

Ora, o professor primario porque é o factor de instrução e educação, a quem são confiadas as inteligencias e intintos embrionarios das creanças em primeira mão, deve ter a elevada noção da responsabilidade que assume perante a sociedade, pela formação ou deformação de conhecimentos e caracter dos omens de amanhã.

—Ela? a Luizinha? que corria aqui, ha tão pouco tempo, tão garota, tão pequenina?...

Ah! o velho esqueceu-se—o doido!—que os anos para ele *passam-se como dias*, que correram bons dez anos e que—como acontece ás rosas do seu jardim—o botão desabrochou!

—A Luizinha...—repete o velho, com os olhos turvos de lagrimas, a quedar-se numas visões longiquas—é ella, a Luizinha!...

Que medonho desabar de tudo quanto ilude a alma de um velho um relógio que lembra o tempo a quem o não sente passar...

Acabou-se a ilusão.

—Já não é minha, é de outro...—murmurou por fim o velho—Vivi dez anos a esperá-la e sem dar por eles...

E caíam lhe pelas faces duas lagrimas que se foram embeber no bigode, branco de neve.

Dai a uns meses passei pelo jardim e vi lá uma especie de sargento reformado que arrastava uma perna e fumava num cachimbo com ares marciais. A sua passagem os pardais debanlavam assustados. Crianças... nem uma.

Era por uma tarde de inverno. As arvores estavam nuas e os canteiros desertos. O ceu, cheio de nuvens, infundia tristesa.

Lembrei-me do velho jardineiro e tive pena. Fôra-se traz da sua ilusão perdida: a Luizinha dos oito anos...

FOLHETIM N.º 5

O velho jardineiro

(CONTO SIMPLES)

Havia um jardim lindo, muito lindo, que as arvores já velhas enchiam de uma sombra agradável, nas belas tardes de estio.

Que belo que era, quando o sol coroadado de nuvens côr de rosa, se escondia ao longe e ficava no ar uma quietação suave, uma languidez silenciosa e a alma ascendia ás abstrações tranquilas, sonhando o Ideal!

Ora havia no jardim, entre o perfume das rosas juvenis e a folhagem dourada dos plátanos idosos, uma reliquia—uma verdadeira reliquia—que se casava, á maravilha, com os plátanos e as rosas: era o velho jardineiro.

Setenta anos... mas que lindos setenta anos! um velho como a gente gostava de ser quando, mais tarde, o bordão que levarmos nos arrastar para a cova...

Rosto placido, espelho de uma alma tranquilla; nem triste nem alegre: *suave!* Disiamos, ao ve-lo, que era um velho; ao ouvi-lo que era um jovem e jovem sonhador, apaixonado! Tinha alguma cultura, dizia versos simples de que talvez fosse autor.

E era um consolo ouvi-lo,—pelas tardes de ouro, quando as folhas andavam pelo chão numa sarabanda ligeira, ao sabor da brisa, e

Versos de Guerra Junqueiro

Canção perdida

Halitos de lilaz, de violeta e d'opala, Roxas macerações de dor e d'agonia, O campo, anoitecendo e adormecendo, exala...

Triste, canta uma voz na sincope do dia:

Alguem de mim se não lembra Lá para as bandas do mar... O' Morte, dava-te a vida, Se tu lh'a fosses levar!...

O' Morte, dava-te a vida, Se tu lh'a fosses levar!...

Com o beijo do sol na face cadavérica Beijo que a morte esvae em palidez algente, Eis a lua a boiar sonambula e quimérica...

Doce, canta uma voz melancolicamente:

O meu amor escondi-o Numa cova ao pé do mar... Morre o amor, vive a saudade... Morre, o sol, olha o luar!...

Morre o amor, vive a saudade... Morre o sol, olha o luar!...

Latescente a neblina opálica flutua, Diluindo, evaporando os montes de granito Em colossos de sonho, extasiados de lua...

Flébil, chora uma voz no letargo infinito:

Quem dá ais, ó rouxinol Lá para as bandas do mar?... E' o meu amor que na cova Leva as noites a chorar!...

E' o meu amor que na cova Leva as noites a chorar!...

A lua enorme, a lua argentea, a lua calma, Imponderalisou a natureza inteira, Descendensou-a em fluido e embebeu-a em alma.

Triste expira uma voz na canção derradeira:

O' meu amor dorme, dorme Na areia fina do mar, Que em antes da estrela d'alva Comtigo me irei deitar!...

Que em antes da estrela d'alva Comtigo me irei deitar!...

Sim, ponhamos de parte o lugar comum de que o professor primario é o humilde servidor da nação e adotemos o principio de que o professor enobrece-se e enobrece a coletividade, quando satisfaça integralmente quanto para tal fim lhe é exigido.

E', sem duvida, a instrucção, a propulsora do progresso economico e moral dum povo; mas, para instruir e não destruir, é indispensavel o professor agir por um conjunto de faculdades natas e desenvolvidas, ao serviço de um sacerdocio que não é umá simples e pequena conesia!

Oh! Então, o professor modelar que o futuro sem duvida reserva para gerações mais felizes, ha-de ser venerado, respeitado e dignificado como o desempenho da sua alta missão requer. E esta classe oprimida e desorganizada deixára de ser um caos, surgindo cada um dos seus membros, deste pó de apatia e dissimulada ignorancia actual, para uma vida bela e livre, para uma vida de amor, dedicação e interesse exclusivo pela infancia!

Cabanas.

Beatriz A. Ferreira

A poesia, a pintura e todos os sublimes gosos da imaginação tem sobre os espiritos elevados direitos imprescritiveis.

Balzac.

NOTICIA

Após ter sofrido uma melindrosa operação, a nossa estimável e interessante colega Ester Vasconcelos vae seguindo normalmente os tramites da convalescença, com o que intimamente folgamos.

Fazemos votos pelo seu completo e mais rapido possivel restabelecimento.

Rectificando

Por um deplorável mal entendido os nossos Ex.ºº Professores pretenderam ver uma alusão indirecta no 4.º suélto da nossa secção — Em foco—.

Tendo sido chamada para dar uma justificação a todos os Ex.ºº professores reunidos, comprometi-me a torná-la publica, o que passo a fazer, participando a todos os nossos illustres leitores que o nosso jornal é dedicado absoluta e exclusivamente aos estudantes em geral e aos normalistas, em particular, abstendo-nos portanto da minima critica individual, extranha aos actos dos nossos colegas.

Irene Lisboa

As andorinhas

Logo que a natureza desperta do seu sono letargico sob a neve, são as andorinhas o primeiro sorriso, a primeira saudação, que ela carinhosa nos dirige.

Tão graciosas, tão timidas, trazem-nos elas, as lindas avesinhas, nos biquitos escuros, esses diademas lucilantes que a primavera envia ás flores para as coroar na curta fase da sua realsea efemera...

Trazem-nos a alegria comunicativa dos seus gorgeios e a graciosa desenvoltura do seu volitar nesse oceano aério, que as nuvens por véses tornam revoltos.

Que vacuo immenso me alastra nalma, pelos fins do outono, quando já não ha frutos doirados nos pomares e elas partem aos bandos mais ligeiras do que nunca, deixando-nos por despedida a nota dolente dos seus pios saudosos!

— Esses mundos, que nos aparecem no misterio profundo da noite como pontos luminosos a constelar-lhe o manto, talvez que sejam as paragens felises, para onde as conduz a necessidade de calor...

— Que segredos lhes dirão do nosso globo e de nós?

E quem sabe? talvez que passem compassivas a outras regiões mais quentes, mais isoladas, a levar-lhes essa alegria, que nos roubam com a sua desaparicação.

— Já sonhei, na época feliz e alada da minha infancia, que o magico condão duma fada me transformára em andorinha. Veiu o outono, todas partiam e eu, ainda extranha á minha nova individualidade, ignorava a causa do proceder das minhas companheiras. Interrogando a medo a mais linda, que era a minha mestra, ela olhou-me compassiva, e falou-me vagamente duma ave como ela, mas muito má e poderosa, que residia lá longe, numa gruta cristalina, e que ameaçava de morte a que não comparecesse na sua cõrte na epoca determinada. E convidou-me a ir com ela; pensando já nas maravilhas que saberia contar depois daquele país encantador, ensaiei as asas para voar; mas, crueldade da minha madrinha! elas só me serviam de enfeite; e, assim, neste pungir todo infantil acordei extenuada no meu leito pequenino, como um passarito implume que a ambição de voar absorve inteiramente.

E é d'então que me vem este desejo louco de as prender pelas asitas trémulas, quando as vejo doudejar em torno do ninho que as suas caprichosas fantasias foram pousar nos altos beirões dos telhados...

Ah! sim, e perguntar-lhes que segredos castos trazem elas a transparecer naqueles corpitos esguios e naquele chilrear mimoso...

— Teem tanto amôr umas pelas outras!... dispensam tanto carinho áqueles ninhos, que a sua solicitude tornou mais cómodos, mais macios, e onde os filhinhos adormecem embalados pelo cicio monotonico do vento...

Os ninhos! Que encantos de moradias! Sãs eles as testemunhas mudas do amôr

dos pais e bercitos aérios, onde os pequeninos deslumbram os olhos no azul claro do ar a que o sol dá tons maravilhosos!

Os pais não se afastam muito, guardando sempre com a vista o cofre do seu tesouro, com receio de que algum gavião de bico adunco lh'o arrebate nas garras hediondas.

E os homens?... que maus tambem! Divertem-se a apedrejar-lhes as moradas que a sua ternura construiu, desmoronando-as sem dó. E os filhinhos pobresitos, lá caem desamparados no caminho pedregoso, para não mais se poderem erguer!

— As crianças roubam-lhes os ovos, e até os filhos, que encerram em gaiolas re-lusentes, mas tão tristes, tão diferentes da sua casinha proxima dos ceus!...

Os mais velhos lá vão ter... guia-os o instinto. Levam horas deante das grades da medonha prisão, prodigalizando confortos, partilhando os seus desgostos e sobretudo, esforçando-se por arrebatá-los do carcere.

Oferecem-lhes uma semente de certa planta, que eles costumavam admirar do ninho, — lá em baixo, na planicie esmeraldina, com o desejo veemente de poderem abalançar-se na atmosfera, sem receio de que os traissem as asitas debeis! Falam-lhes na linguagem encantadora do gorgeio das maravilhas do ultimo poente e das confidencias amorosas, que, certa arvore secular num dia de calor ardente lhes fizera. E não esquecem as novas melodias que lhes inspirara a murmura corrente do ribeirinho da planicie...

São disvélos infinitos, são beijos, suspiros e ais...

Que saudade indisivél e que ancia incomparavel, a dos pequenitos!

Acabam os dias quentes e as noutes luanrentas... já não ha flores no campo e as folhas doudejam esmurchedas nas azas da ventania... e as andorinhas partem em revoadas, cessando por completo a alegria dos campos!

Só os pobresitos que a crueldade dos humanos tornou cativos, não podendo seguir os irmãos e os paes na viagem longa que os levará aos paeses ridentes da perpetua primavera, se finam de saudade e frio!

Maio de 1913.

Ilda Moreira.

Respigando velharias...

Definições

- Anedot.: O espirito dos que o não teem. Rezar: Substituir o pó por lama. Dinheiro: Um meio, para os sensatos; um fim, para os imbecis. Edade: Rio que as mulheres se esforçam por fazer refluir, para a nascente, quando o viram correr durante trinta anos. Sabio: Armazem de retém de sécos e molhados. Ingenuidade: O capilé das virtudes.

SANTA CLARA

A luz — um fio d'oiro — entrava pela cela. A monja orava. A face cor róxa dos lirios reflectia o sofrer, a magua que esfacela com tragicas visões de sonhos e delirios...

A monja orava. A préce heroica dos martirios subia num murmuro. A luz pela janela entrava — fio d'oiro... — A palidés dos cirios doirava aquella fronte em extase de estrela.

No místico fervor, numa aleluia casta, um nimbo deslustrante envolve em brilho egoista essa cabeça linda... Os cabelos esparsos

ondeiam no esplendor, como ondeia a seara á brisa. E o seu olhar de tons castanhos garços, na claridade viu sorrindo Santa Clara...

Manuel D.

Cartas de Lisboa

Irmão querido!

Procurei para a minha carta d'hoje um assunto leve e gracioso, como graciosa e leve é a estação de amores, a estação de flores, que ilumina, rejuvenesce e alinda a tua saudosa terra, irmão da minha alma; o berço dos teus afectos, o céu dos teus amores!

Ai, Murilo, estamos na primavera! Tantas flores por esses jardins, tanta mocidade e tanta alegria!

E' a tua alma delicada que eu invoco, é para ti que foge estonteado, o meu coração trêmulo de gozo, fremente de vida, cégo de luz!...

Não ha dia, nem hora, nem momento que te não consagre; ora um objecto da tua predilecção que me aviva a saudade, ora a conversa da familia cheia de recordações e esperanças; agora uma reminiscencia alegre, logo um devaneio tristonho... E assim trago o meu coração tão ligado ao teu e tão repleto da tua imagem, que me chego a julgar transportada a essas paragens longinquoas, compartilhando a tua vida, aliviando o teu exilio...

— Prometi no começo desta carta dedicar-te as ideias mais delicadas que o meu pensamento hoje pudessem povoar... falar-te-ei de flores, queres?

As flores, se a nossa alma é propensa a fantasias e a comparações romanescas, poder lbe-ão servir de espelho ou de intérprete fiel... Assim, quando procuramos nas suas cores e no seu perfume um simbolo, uma imagem dos nossos sentimentos, que variedade, que profusão encontramos!

Ha as cores vivas, rubras, e os aromas capilosos, penetrantes, que tão bem representam a paixão, a ardencia, os sentimentos fogosos! — Como exemplo ai tens a opulenta rosa, a bela papoula, etc...

E a violeta, o miosotis, esses outros quão diferentes, não é verdade?

A sua modestia, a sua belesa recatada, o seu pudor expresso em côres brandas e petalas singelas, falam-nos admiravelmente da innocencia, da bondade, da constancia, da ternura...

Conhêces, certamente, a lenda encantadora que anda ligada ao *miosotis*, a essa florinha azul, tão singela e tão bonita!

Não t'a repito, visto estar tão vulgarizada, e tu não poderes deixar de a conhecer. Prefiro contar-te antes uma historia adoravel e veridica, onde se casam na mesma vibração a plangencia do soluço e a melodia do sorriso...

E' uma historia de creança, já vês... toda ela innocencia, toda ela fragancia...

— Era uma pequenita de onze anos, branca e loira, de um loiro escuro e dourado, de uma brancura de porcelana fina...

A sua juventude era fresca, alegre e expansiva como a de todas as creanças felizes!

Vivia no campo, e era modesta a moradia de seus paes, mas toda ela florida e louçã!

No jardimito que a circundava havia um canteiro que requeria particular trato e espezias cuidados... era o canteiro de Marieta, a nossa heroína. Todo ele eram flores brancas! Malmequeres, só malmequeres... um delirio de alvura deslumbrante!

Era Marieta a sua jardineira, e ai! de quem lhe pretendesse roubar o privilegio!...

Mas um dia a Marieta apanhou muito sol num passeio mais demorado e caiu doente. — A febre não a largava, peorava dia a dia; veiu lhe o delirio; e a morte, que não tem escrupulos em levar na mesma braçada velhices cançadas e madrugadas juvenis, assinalara-a já com o seu estigma odioso.

— Naquella casa cessara a alegria, morrera o riso!

— Corações mirradinhos, olhos macerados; nem uma esperanza, nem uma ilusão! Marieta morria e a sua morte trazia um vacuo infinito áquele lar; murchião as flores e nunca mais se ouviria cantar...

A doença atingia o seu limite e Marieta já quasi perdera a noção das cousas: no emtanto o seu rostosinho angélico, quasi transparente, voltava-se ancioso para a mãe, que, numa angustia crescente a via definhar e extinguir se. Os olhos febricitantes da pobre creança tentavam dizer o que os labios se negavam.

— Queres as tuas flores? — bradou a pobre mãe, inspirada! — E correu ao canteiro alvamente a que a pobre Marieta dispensara todo o carinho e todo o disvelo da sua aímásinha delicada.

E a impiedade sublime d'aquella mãe aflita,

nem um malmequer deixou onde outrora se vira o macisso mais compacto e mais belo!

Foi Marieta quem os levou t dos no seu caixãozinho estreito, tão branca como eles e tão ideal na sua auréola de caracões louros, que mais parecia ter adormecido a sorrir.

Murilo, não teus infindas saudades da nossa primavera?

Ah! infinitas as tenho eu de ti, que vives tão longe, tão longe, como uma planta transplantada, sem frescura, sem carinho... sem o amor de todos nós!

Alice Oeiras

SECÇÃO HUMORISTICA

A Americo

M.....
...E.
...R..
...C..
...I..

=(nomes d'homens)

Geograficas

Quaes os nomes de terras portuguesas que se escrevem, com as letras das seguintes frases: já erraste? — Va, Rita! — Dei mala?

Combinada

1.ª + ira = mercado.
2.ª + ta = mulher
3.ª + no = burro

=(de que os estudantes gostam muito)

ERASAN.

Charada

por syllabas

+ pa = insecto
+ ra = atraso
+ pote = sobrinho do pápa
+ mão = leme
conceito = peixe

Maçadas Geograficas

Formar o nome d'uma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

Asma Rola

Formar o nome d'uma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

Embora da neta, miel

Formar o nome d'uma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

Al dor! Vi o tonante na sella

Frases e Ruas

Formar o nome d'uma via publica de Lisboa com as letras da seguinte frase:

Ida, vem sen rir ao pé do elefante

Acróstico

A Maria Eugenia

P.....
O..
R..
T..
U..
G.....
A..
L.....

= terras portuguesas.

Ocirema.

Conceitos do n.º 1 da Secção Humoristica:

Acróstico

EUGENIA
EDUARDA
LUCIANA
CAROLINA
ANTONIA
ENCARNAÇÃO
ASSUNÇÃO
OLGA
FRANCISCA
IRENE
AMELIA
IVA
NATÁLIA
ERMELINDA
NATIVIDADE
ALICE

Ninguém acertou com todos os nomes: o conceito da combinada, que era ponto escrito, é que todos acharam.

Veremos quem irá para o quadro d'honra! Não se impacientem, o tal dia chegará...

SONETO

A MADEMOISELE H.

Tu poderás não ter a morbida belesa
Dessa meiga Heloisa, amante de Abelard;
Nem mesmo, digo, até que possa comparar
A tua tez rosada, isenta de tristesa

Com a de Julieta, a noiva de Romeu;
Não se reflete em ti o sorriso da aurora;
Mas tens também no mundo um omem que te adora
E tu conheces bem que esse omem sou eu!

Todos te acham no rosto inumeros defeitos:
Uns, a boca pequena; outros, os labios estreitos,
O nariz aquilino, um sinalzinho aqui...

Mas eu, como não quero amar um ser divino,
Olho-te satisfeito o corpo pequenino
E compreendo bem, que gosto mais de ti.

Lisboa 16 7-910.

Antonio Cardoso de Ponse Lião

A POLICOMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a E

LISBOA

Papelaria, livraria, tipografia, encadernação, estereotipia e fabrica de carimbos de borracha

O maior estabelecimento do seu genero, no bairro. Trabalhos de luxo e simples.

Especialidade em trabalhos para artistas teatraes

Manda tomar e entregar encomendas a casa dos clientes

TELEFONE 3362

PARIS EM ALCANTARA

Fazendas, Modas, Confecções, Luvaria

Gravataria, Camisaria,

Retrozeiro e Alfayateria

Enorme sortimento em artigos para bordados, a matiz e a branco

CONZAGA & SOUZA, SUCCESSOR

Recebem-se todas as fazendas que sejam vendidas n'esta casa logo que o freguez prove

NÃO SEREM mais baratas e melhores do que n'outro qualquer estabelecimento

44, RUA DO LIVRAMENTO, 46

(Em frente da Pharmacia Drack & Bairrão)

LISBOA

Aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras

VINHO IODO-TANNICO PHOSPHATADO

Succedaneo do Oleo de Figados de Bacalhan

Grande sortimento de fundas para homens, senhoras e creanças, borrachas, cintos umbilicaes e abdominaes, suspensorios, irrigadores diversos, pulverisadores tira-leites, seringas, thermometros clinicos e vinho do Porto genuino.

Artigos de Perfumaria e de Hygiene

vende-se na

Pharmacia Drack Bairrão

25, RUA DO LIVRAMENTO, 27

TELEPHONE 2902

Consultas medicas diarias

LIVROS DE ENSINO

Professor ULYSSES MACHADO

Calçada do Marquez d'Abrantes, 43-3.º - LISBOA

- Caderno com 615 problemas e exercicios d'aritmética para a 2.ª classe, 6.ª edição, 70 réis.
- Dois cadernos com 1:706 problemas e exercicios d'aritmética, para a 3.ª e 4.ª classes, 25.ª e 12.ª edições, cada um, 120 réis.
- Três cadernos com 2:018 problemas e exercicios d'aritmética para as escolas normais, liceus, etc., 1.º, 2.º e 3.º anos, cada um, 180 réis.
- O autor oferece gratuitamente a todos os professores os livrinhos com os resultados correspondentes a cada caderno, quando lh'os peçam.
- Gramatica ensinada pelos exemplos, para a escola primaria, illustrada com 117 gravuras, ao alcance de todas as intelligencias, 8.ª edição, cada exemplar cartonado 250 réis.
- Gramática Portuguesa oficialmente aprovada para as escolas normais e d'ititaeas, um volume encadernado em percalina, 1.500 réis.
- Gramática Portuguesa aprovada oficialmente para o 2.º ano do curso secundario dos liceus, um volume encadernado em percalina, 450 réis.
- Gramática Portuguesa em harmonia os com programas do 1.º, 2.º e 3.º anos do curso secundario, 1 volume encadernado em percalina 600 réis.
- Aritmética pratica e geometria, illustradas com 100 gravuras, aprovadas oficialmente 4.ª edição, para o ensino primario, cartonada, 250 réis.
- Segundo livro de leitura, illustrado com 310 magnificas gravuras, aprovado oficialmente para a 2.ª e 3.ª classes (exame do 1.º grau), cartonado 400 rs.
- Terceiro livro de leitura profusamente illustrado com magnificas gravuras, aprovado oficialmente para a 4.ª classe (exame do 2.º grau), carton. 400 rs.
- Primeiro livro de leitura para a 1.ª classe, aprovado oficialmente illustrado com 140 magnificas gravuras, 120 réis.
- Noções de Versificação, em harmonia com os programas do ensino secundario, 100 réis.
- A' venda nas principaes livrarias e no Depósito Geral em LISBOA—LIVRARIA RODRIGUES & C.ª, Rua do Ouro, 186 e 188.
- Aos srs. professores descontos de 10 p. c. e porte franco.

Obras para o ensino primario

AUGUSTO LUIZ ZILHÃO

Regente da Escola Central n.º 2 e professor interino da Escola Normal Feminina de Lisboa

- | | | | |
|---|---------|---|----------|
| Caderno de exercicios de aritmética para a 1.ª classe | 50 réis | Caderno de problemas e exercicio de aritmética para 3.ª e 4.ª classe | 100 réis |
| Caderno de problemas e exercicios de aritmética para 3.ª e 4.ª classe | 80 " " | Noções elementares de aritmética e geometria (oficialmente aprovados) | 250 " " |

O AUXILIAR DO PROFESSOR com o resultado dos problemas e mais exercicios dos cadernos e a indicação da operação que deve fazer-se nas resoluções dos problemas, GRATIS. Todas estas obras trazem já as alterações do sistema métrico e o novo sistema monetário.

A' venda nas principaes livrarias

Descontos excepcionaes e porte franco aos professores e directores de colegios

O AUXILIAR DO PROFESSOR remete-se aos professores que se dirijam ao autor

Rua das Gaivotas, 8

"TERRA LIVRE"

Semanario anarquista

(PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS)



Órgão de luta social e economica, de opposição a toda a especie de governo.

Tribuna de livre discussão para uma investigação sincera da verdade.

Unico jornal que pugna pela emancipação integral da mulher.

Colaboração dos mais avançados escritores portugueses e de alguns dos mais notaveis agitadores revolucionarios do estrangeiro.

- Ciencia * Sociologia
- Arte * Educação
- Literatura *
- Critica *

A' VENDA NA RUA, NOS QUIOSQUES E TABACARIAS

AGENTES EM TODO O PAIS

PREÇO
1 mez. 100 réis
3 mezes 300 " "
6 " 500 " "
12 " 1\$000 "

Numero avulso 20 réis

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua das Gaveas 55, 1.º

LISBOA

PAPELARIA E TIPOGRAFIA

M. CORRÊA DOS SANTOS

ARTIGOS DE ESCRITORIO E CANETAS COM TINTA

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS

Especialidade em impressos para o commercio

Completo sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Livros de escrituração. Copiadores de cartas e facturas. Livros de letras a pagar e receber, etc.

BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS (AS ULTIMAS NOVIDADES)

VENDEM-SE Facturas consulares brasileiras, Guias do Caminho de Ferro do Norte e Sul, Listas para inscrições e Telegramas.

10, RUA DA PRATA, 12—LISBOA

(PRIMEIRO QUARTEIRÃO VINDO DO T. DO PAÇO)

TELEFONE 3350

"Educação feminina"

PREÇO D'ASSINATURA

Por 3 mezes 200 rs.
Por 6 mezes 400 rs.

(Pagamento adiantado)

Quinzenario das normalistas de Lisboa

Redação e Administração, Rua do Comercio, 31, 3.º

Ex.ª Sra.ª *Biblioteca Nacional de*

Lisboa